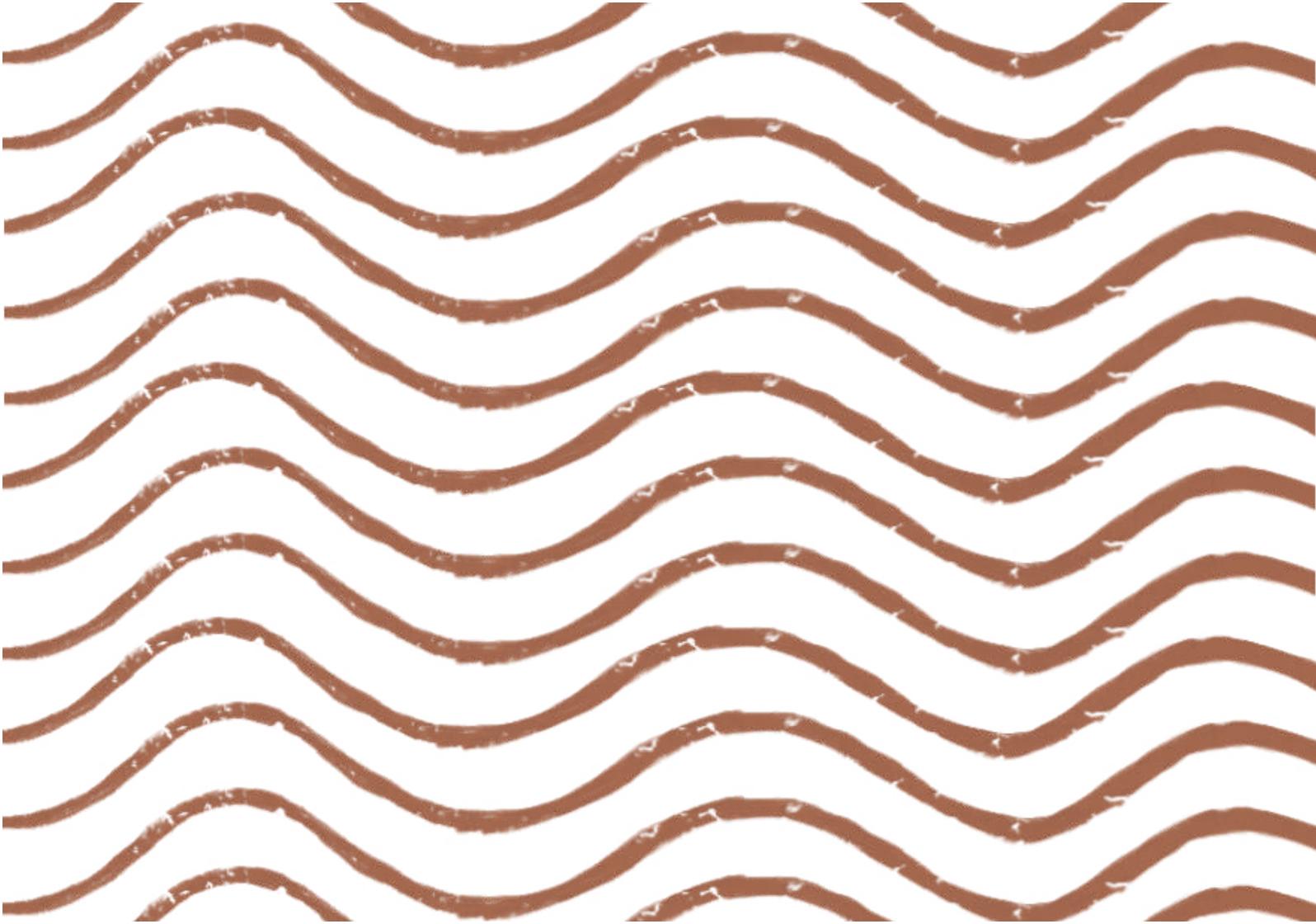




DUAS ÁGUAS E O TEMPO  
JÔ STELLA



DUAS ÁGUAS E O TEMPO

JÔ STELLA

O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

Revisão:  
Amanda Palma

Curadoria e tratamento Fotográfico:  
Monique Feitosa

Diagramação e Ilustrações do miolo:  
Amanda Braga

Foto de Capa:  
João Gabriel

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
( Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil )**

Stella, Joelma

Duas águas e o tempo [ livro eletrônico ]/ Joelma

Stella. -- 1. ed. -- Sítio do Mato, BA: Ed. da

Autora, 2021.

PDF

ISBN: 978-65-0019435-7

1. Fotografia 2. Memória 3. Poesia Brasileira I. Título.

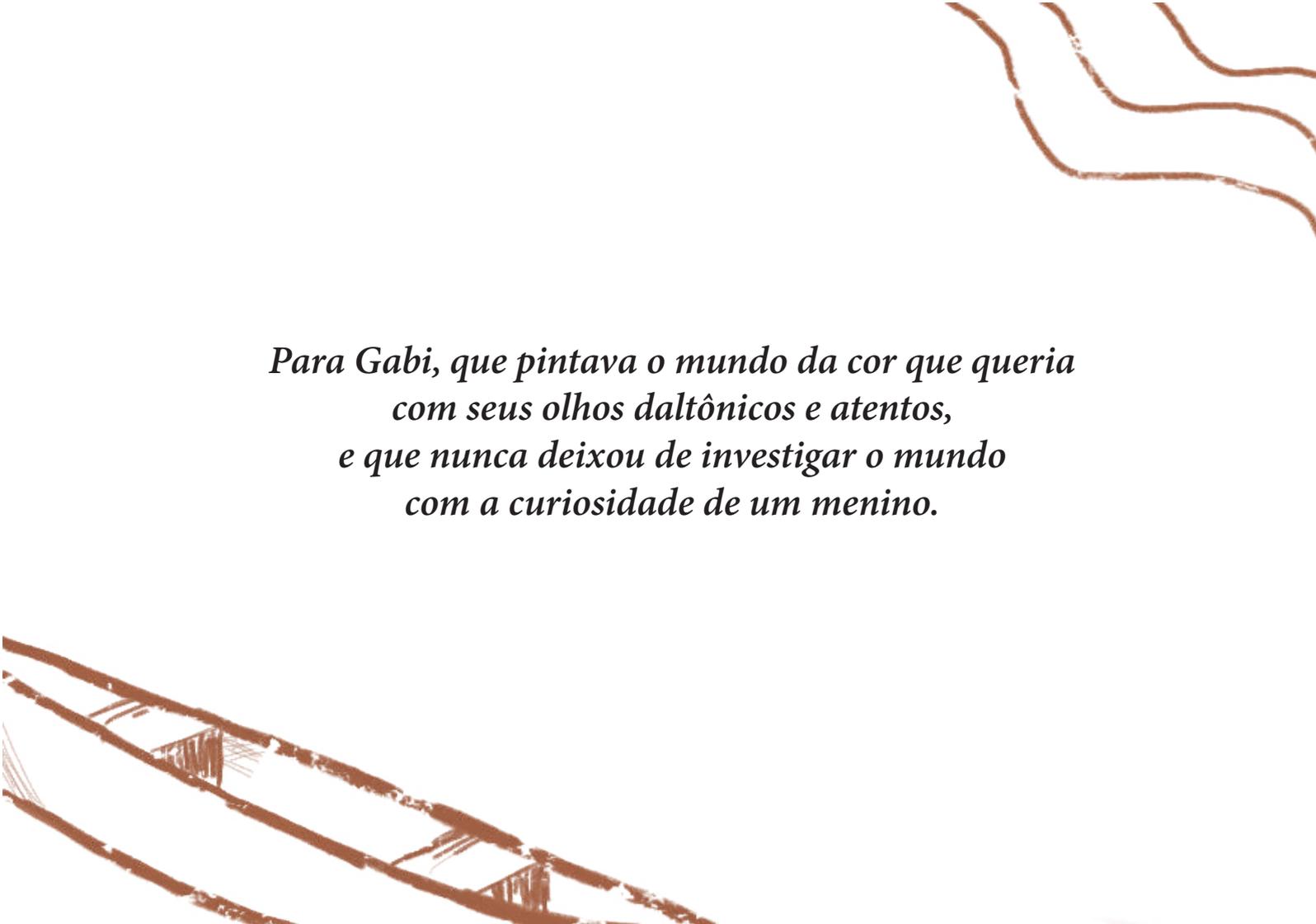
21-59988

CDD-779.9

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Fotografia 779.9

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB - 1/3129



*Para Gabi, que pintava o mundo da cor que queria  
com seus olhos daltônicos e atentos,  
e que nunca deixou de investigar o mundo  
com a curiosidade de um menino.*

# Agradecimentos

Para Gabi preciso dizer que às vezes dá saudade do cheiro forte de alfazema, mais forte que o necessário, e que ainda uso as camisas que peguei de você, e cuido bem delas que é pra durar. Também sinto falta de tomar sorvete assistindo novela reprisada de tarde, discutir política assistindo TV Câmara, e de olhar os barcos indo e vindo no rio enquanto tomávamos café. Te amo, Gabi, você ainda vive em mim, e mesmo sem fechar os olhos consigo ver o seu sorriso largo e bonito. Um dia a gente se reencontra.

Quero agradecer a Amanda Palma, Amanda Braga e Monique Feitosa por aceitarem trabalhar neste projeto tão delicado e íntimo comigo. Agradeço também por encontrá-las por esta vida, e espero que, em breve, quando os abraços retornarem ao cotidiano, possamos sentar juntas para tomar o café da tarde e conversar. Monique toma chá para não ter insônia de noite, Braga fica responsável pela playlist e Palma faz um de seus bolos maravilhosos.

Não custa sonhar.

## Sobre a autora

Joelma Stella é um bocado de coisas, entre elas aquariana, fotógrafa e ilustradora. Aprendeu com a avó virginiana a amar café, e com o avô pisciano aprendeu a sonhar.

Tem um pé na água, outro na terra e a cabeça no ar.

# Apresentação

Este livro reúne fotografias dos rios São Francisco e Corrente tiradas pela minha família a partir da década de setenta até o ano de 2021, na cidade de Sítio do Mato, região oeste da Bahia. A ideia do livro surgiu durante a pandemia de Covid-19, que me fez voltar para casa no interior, revisitar os antigos álbuns de fotografias da família e reler Cem Anos de Solidão, do escritor colombiano Gabriel García Márquez, meu romance favorito desde a adolescência.

Foi nesta viagem para o meu interior que entendi que Sítio do Mato é a Macondo da minha família, que tem sua história diretamente ligada à cidade e aos rios que margeiam a nossa casa. Eu me vi nas fotografias tiradas por meu avô antes mesmo de eu nascer, e o vejo ainda nas fotografias que tiro mesmo depois da sua partida.

E assim nasceu Duas águas e o tempo, uma analogia foto poética entre o movimento da água, o tempo, permanências, partidas, luto, saudade, amor e memória.

Meus próprios anos de solidão barulhentos e silenciosos na beira da água.



Capítulo |  
Anos 70 e 80

## Por Jô Stella

Estou na cozinha. Aqui sinto o cheiro forte de café que vem do bule enquanto escrevo sobre a mesa de madeira que foi da minha bisavó, depois da minha avó e hoje é da minha mãe. Quando meus avós se casaram, o bolo foi colocado sobre essa mesa onde agora está meu notebook. Da porta da cozinha, espio o fluxo dos barcos que cruzam em ritmos variados as águas misturadas do Corrente e do São Francisco.

Eles também fazem parte da família.

Lembro de ouvir minha mãe e minha avó conversando, quando compraram o terreno em que fica a nossa casa, que ele era bom de construir pois na grande cheia de 1979 o rio não chegou até aqui.

Na época da cheia, minha mãe era moça, e não morava nessa casa que agora mora. Ela trabalhava na clínica construída pelos missionários presbiterianos como técnica de enfermagem, mas fazia de tudo, virou até parteira. Quando eu era pequena, ela me contava dos seus filhos de “pega”, as pessoas que ela ajudou a nascer. Tem uma história que sempre me emociona, de uma moça que morreu nos seus braços em um barco de noite, enquanto elas iam tentar socorro em Bom Jesus da Lapa por conta de uma hemorragia pós-parto. Vira e mexe eu revejo essa cena na minha mente, minha mãe, a moça, o rapaz que remava, o bebê que eu conheci já adulto. E a Festa do

Candeeiro também, a luz dos candeeiros descendo o rio encaixados no tronco das barrigudas, as embarcações acompanhando e a marujada. Eu conheci a cheia de 1979 por fotografias, e a Festa do Candeeiro também. As imagens traziam histórias contadas e recontadas na minha família, histórias que são minhas também, e que me acompanham mesmo antes de eu nascer.

Gabi, meu avô, era filho de pescador e sonhava em ser artista. Falar dele é contar uma história longa e imperfeita, cheia de alegrias e tristezas como a maioria, mas aqui quero dizer que ele era apaixonado por cinema e fotografia, e foi assim que eu me apaixonei também. Com Gabi, eu aprendi a ver a boniteza do mundo através das lentes de uma câmera, a reparar nas histórias, nos detalhes, a olhar o rio com carinho. Eu sou menina criada com vó e vô, cresci na casa dos meus avós em uma família cheia de problemas e alegrias, brigas e reconciliações, mistérios e lendas, passadas de geração em geração. Gabi partiu em 2016, e nossa relação teve também seus altos e baixos, mas eu gosto de pensar que sou hoje porque ele foi um dia. Todo mundo é um pouco dos seus ancestrais, quem veio antes, mesmo aqueles que não conhecemos ou dos quais não nos orgulhamos são parte importante da matéria e do sonho que constitui a gente.

Eu vejo um pouco do meu avô em cada foto que eu tiro dos rios ou da cidade, e, ao longo da pesquisa para esse livro, percebi que algumas fotos que eu pensei que eram dele são de autoria de minha mãe, e foram devidamente atribuídas a ela no livro. A água da memória indo e vindo entre todas as gerações dos Moreira, que não são os Buendía, mas peço a licença poética a Gabo, pois Cem anos de solidão é o meu romance favorito, e talvez por isso, eu penso que Sítio

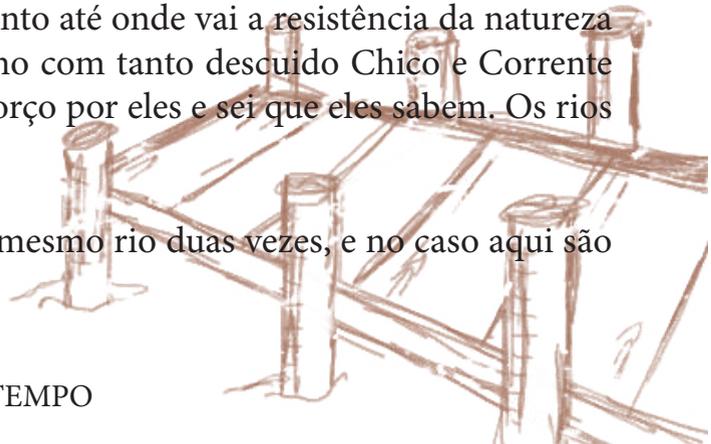
do Mato é a Macondo da minha família.

Quando chove forte na nascente do São Francisco, lá em Minas, dá pra ver as duas águas correndo lado a lado no mesmo leito, Chico mais barrento e largo, e o Corrente mais estreito e escuro, depois eles se misturam como se fossem um só, como a vida da gente. Quando chove forte dentro e fora de mim é pra cá que eu volto, e eu já rodei por muita tempestade, mas é sempre em casa que eu junto meus pedaços e volto a caminhar. É a água dos rios que me cura, antiga e sábia, grande como o tempo.

O tempo também corre, os rios que eu fotografo hoje não são os mesmos que meu avô fotografou, e já havia os rios antes dele. A água já não é a mesma, mas continua sendo, o tempo vai passando por eles, as pessoas mudam, a cidade, mas eles ainda permanecem, resistem, apesar de toda a adversidade. É bonito de ver, mas triste também, sempre que eu caminho pela beira da água e vejo o lixo aumentando pouco a pouco, eu me pergunto até onde vai a resistência da natureza contra a ação predatória da humanidade. Mas mesmo com tanto descuido Chico e Corrente ainda seguem profundos, misteriosos e bonitos, eu torço por eles e sei que eles sabem. Os rios sabem mais da vida que a gente.

Tem aquele ditado que diz que ninguém atravessa o mesmo rio duas vezes, e no caso aqui são dois rios (ou quatro) para atravessar.

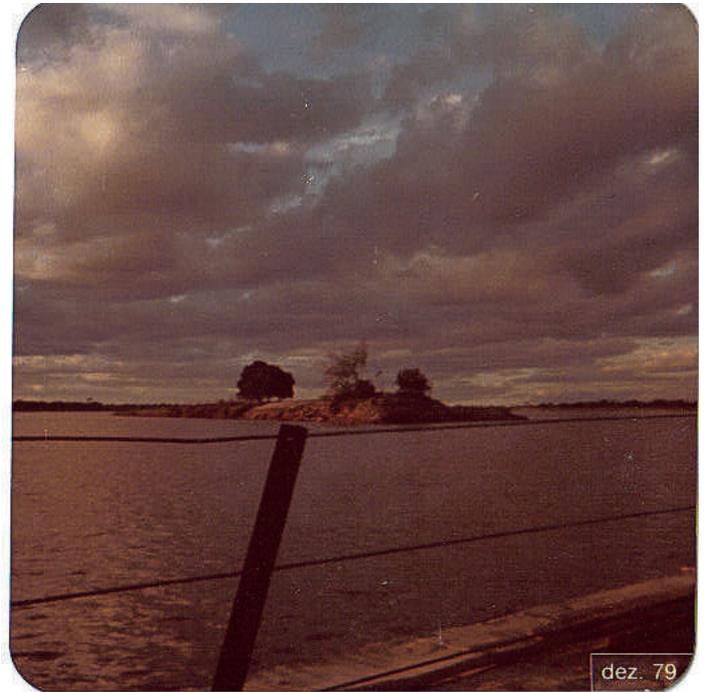
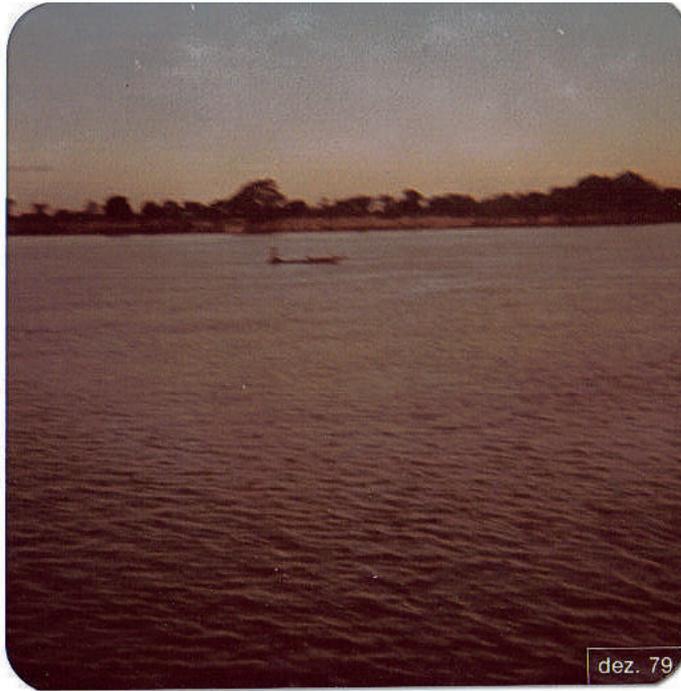
Gabi e eu, Chico e Corrente.







DUAS ÁGUAS E O TEMPO



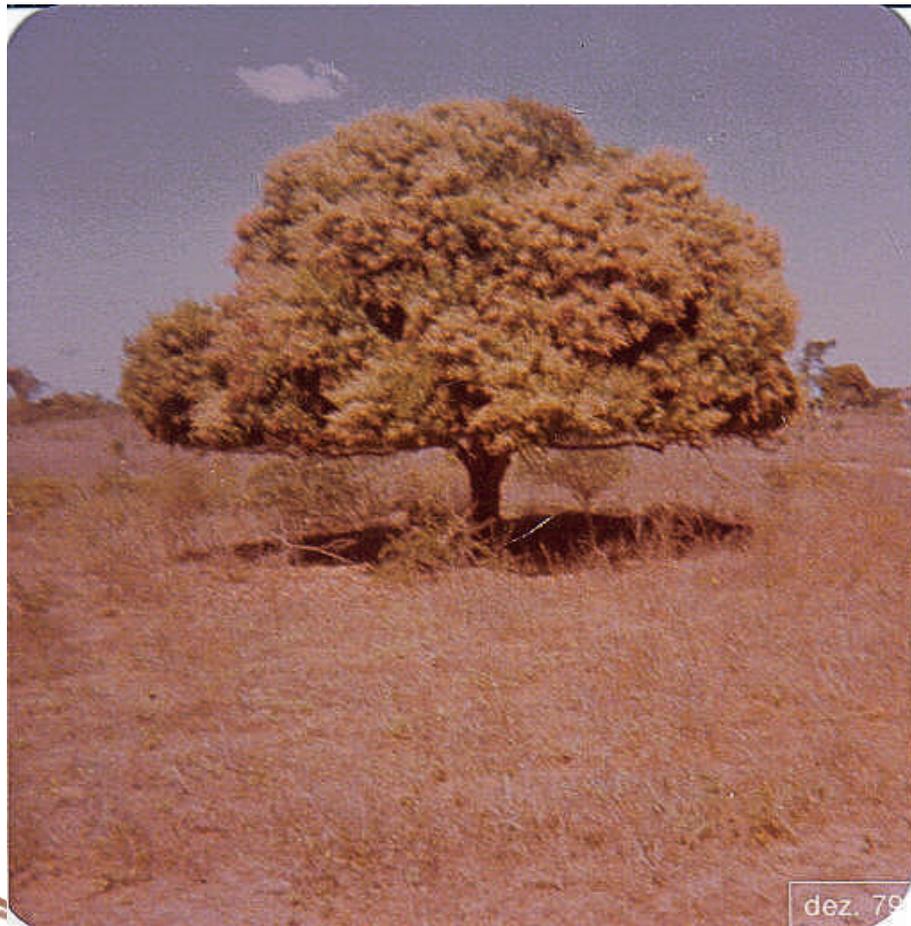
DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO

## HOMENAGEM AO RIO SÃO FRANCISCO

João Gabriel Moreira

e

João Ferreira da Silva

São Francisco poderoso padroeiro  
Do nosso rio caudaloso  
Protejei os barranqueiros  
Deste teu sertão famoso

Homenagem ao querido Santo  
Agradecimento ao rio  
Confiando na rainha das águas  
Não sente calor nem frio

Não só por obrigação  
Louvemos o nosso Santo  
E a rainha das águas  
Que a nós já deram tanto

São Francisco poderoso  
Socorro dos barranqueiros  
Vida de sertanejo  
Orgulho e alegria dos brejeiros

IEMANJÁ — IEMANJÁ — IEMANJÁ  
O povo quer te louvar  
Por ter no rio São Francisco  
Vindo nos salvar

IEMANJÁ — IEMANJÁ — IEMANJÁ  
IEMANJÁ — IEMANJÁ — IEMANJÁ

FESTA DO CANDEIEIRO DE 1980

de 10 a 20 de Julho

“ II - DESCIDA DO CANDEIEIRO ”, dia 19 de Julho, às 20 horas.

### CALENDÁRIO

Dia 10 Jul (5ª Feira) Início das Construções e montagens dos  
depositivos da ~~Feira Agropecuária~~ Feira livre.

Dia 14 Jul (2ª Feira) Chegada dos primeiros animais.

Dia 16 Jul (4ª Feira) INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

Dia 19 Jul (SÁBADO) Dia da Festa — descida do Candeeiro no  
rio às 20 horas, com Celebração da Santa Missa.

Dia 20 Jul (Domingo) Encerramento da Exposição e atividades  
diversas no seio da comunidade.

Cortesia da Gráfica Pitanga, ao povo bom e amigo de Sítio do Mato

## HOMENAGEM AO RIO SÃO FRANCISCO

João Gabriel Moreira e João Ferreira da Silva

São Francisco poderoso padroeiro  
Do nosso rio caudaloso  
Protejei os barranqueiros  
Deste teu sertão famoso

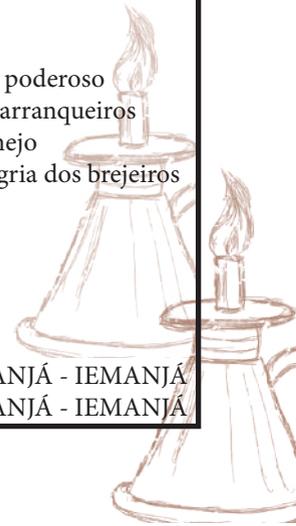
Homenagem ao querido Santo  
Agradecimento ao rio  
Confiando na rainha das águas  
Não sente calor nem frio

Não só por obrigação  
Louvemos o nosso Santo  
E a rainha das águas  
Que a nós já deram tanto

São Francisco poderoso  
Socorro dos barranqueiros  
Vida de sertanejo  
Orgulho e alegria dos brejeiros

IEMANJÁ - IEMANJÁ - IEMANJÁ  
O povo quer te louvar  
Por ter no Rio São Francisco  
Vindo nos salvar

IEMANJÁ - IEMANJÁ - IEMANJÁ  
IEMANJÁ - IEMANJÁ - IEMANJÁ





Capítulo II  
Anos 90

## Por Amanda Braga

Quando Jô me convidou para fazer parte desse projeto eu aceitei de imediato porque o trabalho oferecia tudo que eu precisava ter para conseguir desenvolver a minha tarefa: eu tinha um tema inspirador, liberdade criativa e boas companheiras de jornada.

Mas qual não foi a minha surpresa ao descobrir, logo nas primeiras conversas, que além de tudo isso eu também estaria colaborando em um projeto lindo, sensível e extremamente emocionante.

E emocionante foi a palavra que regeu o meu serviço do início até o fim. Em cada conversa, história, foto, carta, texto ou poema que eu lia e via eu senti esse sentimento correr por dentro de mim. E acho que esse é o poder desse projeto fotográfico, ele toca lugares profundos da sua memória afetiva que fazem você sentir como se as fotos também contassem um pouco da história da sua família.

Mesmo a diagramação não sendo a minha área de atuação preferida, desenvolver o e-book foi extremamente prazeroso, isso porque esse sentimento bom que a gente sente ao ter contato com o projeto contaminou todo o meu processo de trabalho, então cada página acabou sendo construída à base de muita atenção, dedicação e carinho.

E como se já não bastasse ter sido agraciada com um projeto que por si só já é extremamente cativante, tive também a sorte de ter toda a liberdade artística que eu precisava para poder desenvolver a arte da capa e também as ilustrações que complementam as páginas internas a fim de realçar ainda mais a beleza das fotografias e do projeto como um todo.

Para fechar com chave de ouro, não poderia deixar de falar sobre o prazer que foi poder trabalhar novamente com três mulheres que tenho grande estima, meus agradecimentos a Jô por me deixar participar de um projeto tão íntimo como este, a Monique pelo tratamento que deu as fotos deixando elas ainda mais belas e a minha xará Amanda pela paciência que teve com a minha demora de terminar o meu texto, é mais fácil pra mim “escrever” com desenhos do que com palavras, hahaha.

A quem embarcou nessa jornada fotográfica deixo o meu singelo desejo de que aproveite ao máximo essa extraordinária viagem que acontece sobre as águas do velho Chico e do Corrente.

Até a próxima





DUAS ÁGUAS E O TEMPO





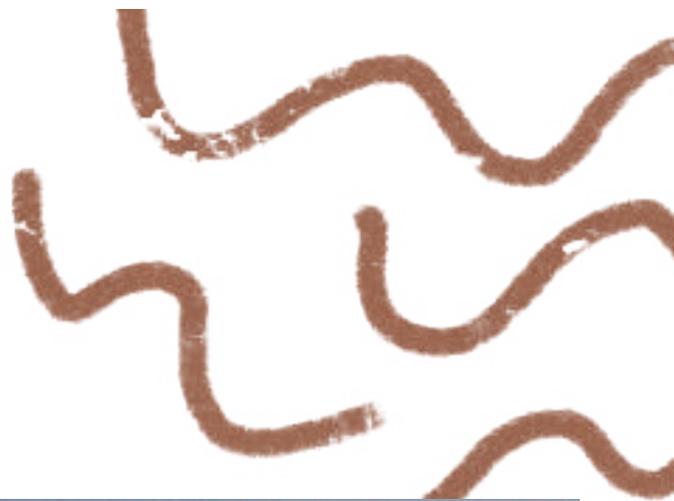
DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



Capítulo III  
Anos 2000

## Por Amanda Palma

As águas me movem. Sempre me moveram, como as correntezas de um rio, as águas me conectam com o que vem de mais fundo, aqui dentro. É ter contato com a água que tudo fica límpido, as ideias ficam nítidas, as soluções aparecem.

O clichê diz que o curso de um rio não se importa com os obstáculos. Se ajusta a eles e passa, segue adiante. É assim quando vejo a água. É assim quando vejo as mudanças do Velho Chico, sob olhares diferentes, mas que têm as mesmas raízes.

O São Francisco segue, resiste. Seca, enche, transborda, mas ele não deixa de existir, nem de enfrentar seus obstáculos, ano após ano, geração após geração. Ele parece um observador, vendo tudo mudar ao seu redor, e tenta permanecer intacto às mudanças da natureza e as impostas pela ação humana.

Ocupando tanto espaço, ele aceita dividir sua força e fartura a quem lhe pede. Já mergulhei nessas águas duas vezes. Na primeira, morri de medo. Senti uma energia tão poderosa que achei que iria morrer afogada, achava que as histórias que rondam o Velho Chico iam me “pegar”. Mas depois desse dia, vivi um ano de força.

Ano passado, antes do caos, tive de novo a oportunidade de mergulhar nas suas águas e senti plenitude. Deitada nas águas, pedi força e coragem - e eu nem sabia o que viria pela frente. Até choveu nessa hora para completar a bênção. Ali, entre os cânions, tudo é tão diferente. Tem imagens de São Francisco espalhadas pelas rochas. Tenho uma foto de braços abertos, tentando alcançar tanta imensidão.

Eu acredito em sinais, em sentidos. Tudo para mim se encaixa perfeitamente pela ordem do universo. Meses depois desse encontro presencial, Jô me chama para esse projeto. Como não receber esse presente? Como não entender como uma nova bênção? Aceito e agradeço! Sei que é uma renovação para os tempos que vêm aí. Vamos juntas cruzando essas águas.





DUAS ÁGUAS E O TEMPO





DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO





DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO





DUAS ÁGUAS E O TEMPO





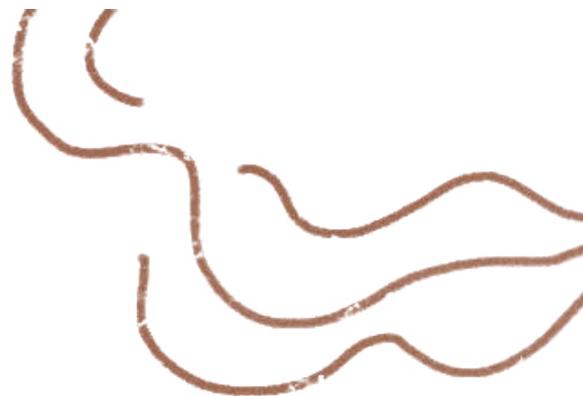
DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO





DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO





DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO

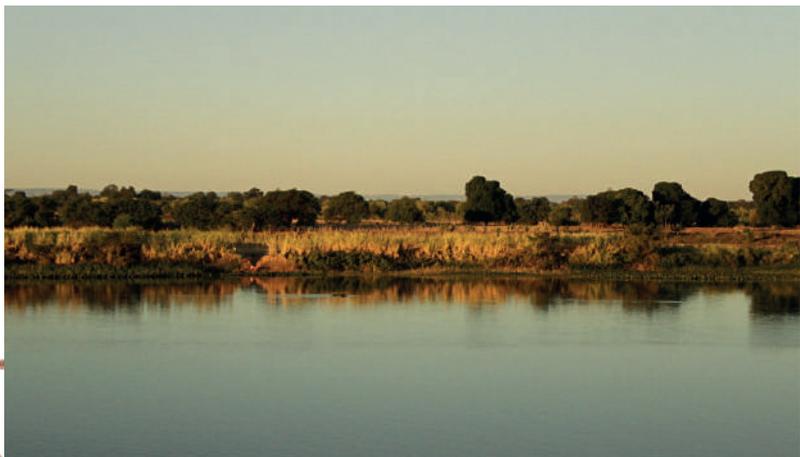
Caetano é um pedaço bonito e profundo de mim.  
Ele é inteiro, intenso e solar.  
Meus olhos transbordam sempre por ele. Filho  
tem isso de fazer a gente desaguar.  
Primeiro eu era imensa de água e útero, depois de  
leite.  
Eu toda água.  
Chorei quando ouvi seu choro chegando no  
mundo, saindo de mim.  
Também chorei no primeiro sorriso, quando levou  
ponto no dedo, e na formatura do ensino infantil.  
Chorei todas as vezes que achei que não ia dar conta  
dele, de mim, de nós.  
Ainda choro, às vezes, por isso.  
Não é fácil ser profundidade, mergulhar na escuridão,  
tocar o fundo do rio.  
Mas Caetano esquenta meu coração aguado com  
seu sorriso e olhos de fogo, e os dias são mais felizes  
por que ele existe aqui, dentro e fora de mim.

Jô Stella





DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO

Água doce, no céu e no chão  
Rio entremeando  
Corrente de luz  
Fio de memória  
Cheiro de água tocando o barro  
O cheiro de chuva é outro, quando a água  
encontra a terra  
Perfume bom, que nos faz cerrar os olhos  
pra sentir com gosto.  
A iminência das águas doces se  
acarinhando, olhos fechados na espera do  
cheiro de terra molhada.  
Espera doce.  
Corre vento nas folhas, anunciando na pele,  
com frescor, que o tempo mudou.  
Monique Feitosa





A Lua cheia, plena  
Enche, transborda  
A Lua muda o curso das águas  
Muda a gente, que é água também  
Ela ilumina, abre os caminhos  
E vai abrindo a gente  
Tudo vai se transformando  
Aqui e lá  
A mesma Lua transcende  
Tantos céus

Amanda Palma





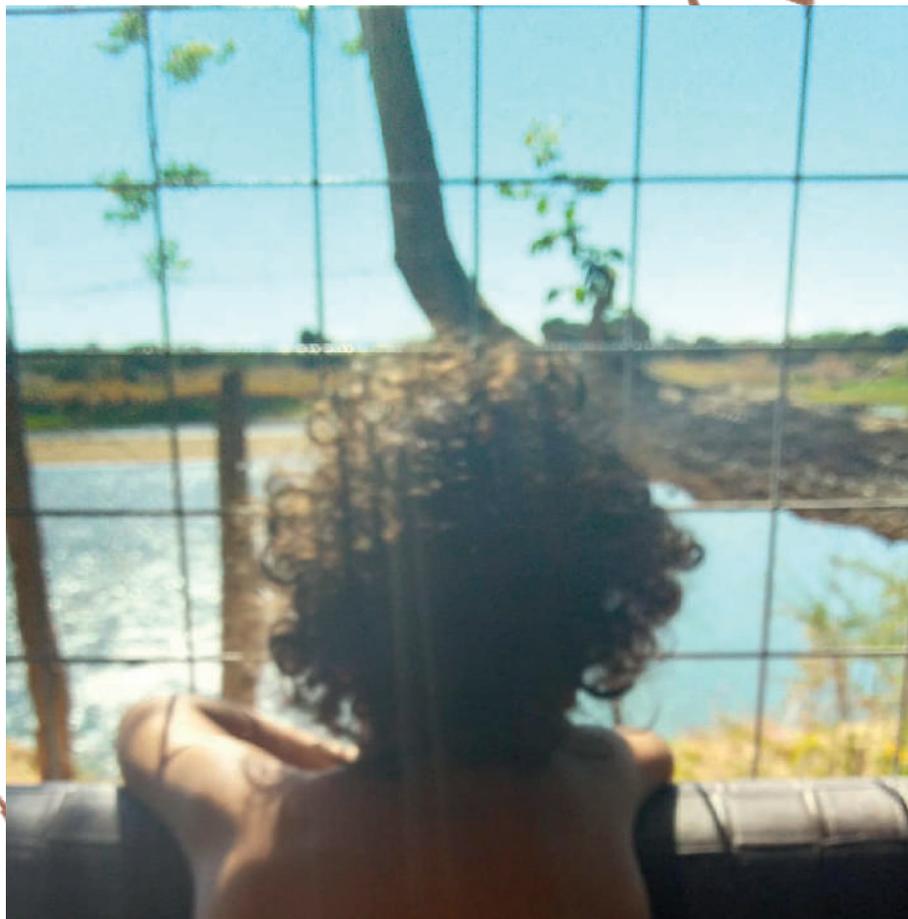


DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO



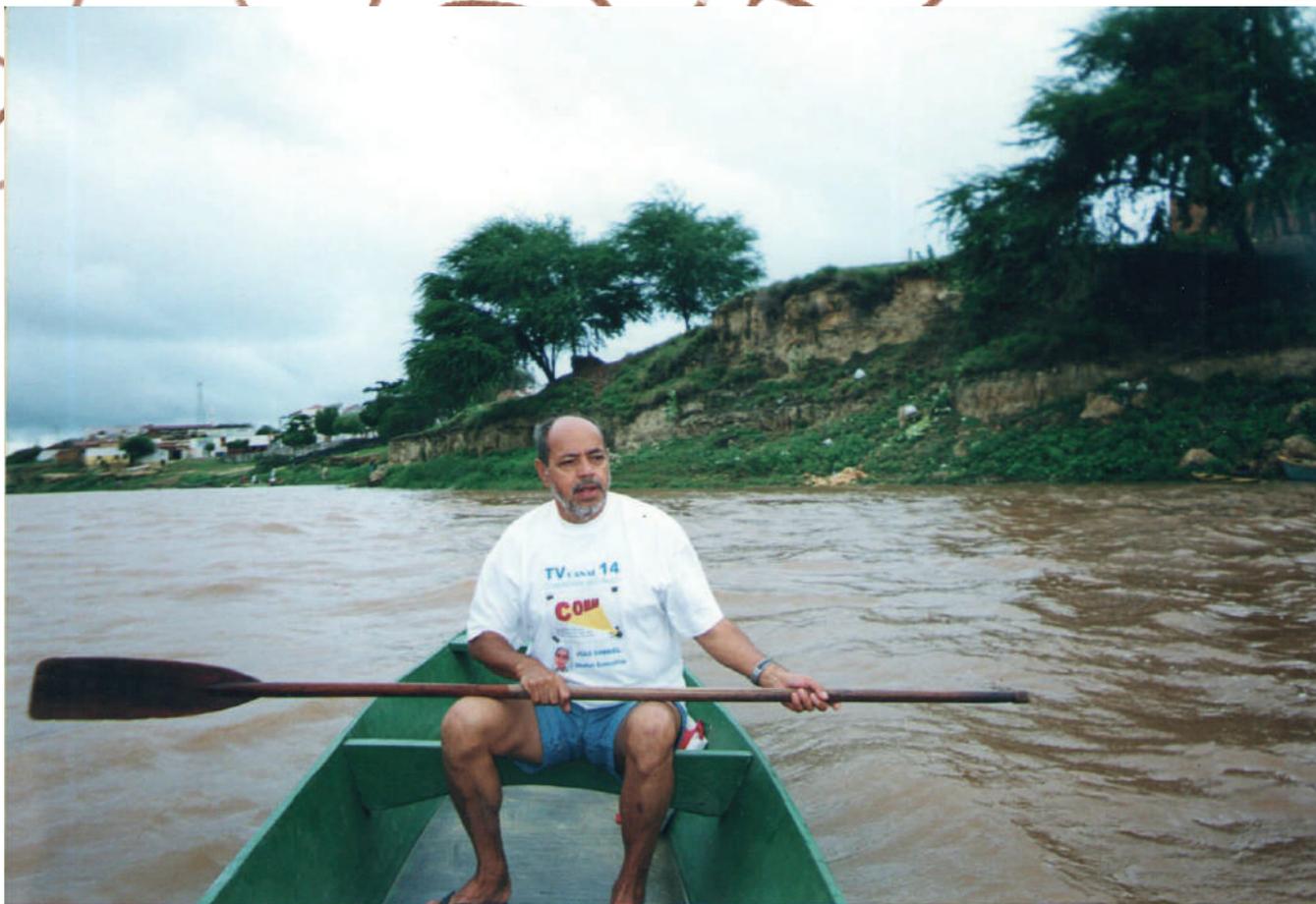


DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO





DUAS ÁGUAS E O TEMPO



DUAS ÁGUAS E O TEMPO

Por Monique Feitosa

Foi como um chamado para tomar um café no meio de uma tarde, coisas que quem vem do interior sabe a importância. É um abrir de portas, da casa e da gente. Pausa para conversar sobre essas coisas que nos ligam e nos transbordam. Um chamado para olhar com calma, prosa fluida.

Tu já viu que coisa linda é essa de chamar nosso canto, nossa cidade, de INTERIOR? É coisa de dentro mesmo, de dentro da gente. Tão imenso! Morar lá dentro da Bahia, é coisa linda demais, faz vibrar, faz sentir.

Do lado de cá, eu te encontro em caminhos de água doce, memórias vivas, infância solta e cheiro de casa de vó. O tempo outro, corrido sem pressa, sentido com alma.

Do lado de cá, me ponho a viver tuas memórias visuais e sinto a minha pulsar. Enxergando com a delicadeza de quem experimenta o toque das águas nos pés pela primeira vez e sabendo o quanto tudo isso é íntimo.

Uma travessia, entre cheias e secas, Sertão e Chapada, encontros em rotas e lar, cafés e chás. Aqui, me ponho inteira, com olhos de encantos e agradecimento por me deixar mergulhar nessa tua parte de dentro.

E me vejo menino, Caetano, na beira do rio.

## Índice Fotográfico

Pág. 14 - Cais de Sítio do Mato // Presente de Iemanjá

Pág. 15 - Júnior no Vapor // Vapor navegando

Pág. 16 - Cheia de 1979// Vista do Ajojo

Págs. 17 e 18 - Colônia de pescadores

Pág. 19 - Mangueira

Pág. 20 - Cais de Sítio do Mato

Pág. 21 - Marujada

Pág. 22 - Roteiro da Festa do Candeeiro

Págs. 26, 27 e 28 - Praia do Cascalho

Pág. 29 - Entrada da Lagoa

Págs. 30 e 31 - Croa e porto

Pág. 32 - Gabriel no Cascalho // Praia do Cascalho ( fotos Jussara)

Pág. 36 - Caetano e Pirralha descendo o porto

Pág. 37 - Caetano descendo o porto

Pág. 38 - Caminhonete estacionada no cais de Gameleira // Cais de Gameleira

Pág. 39 - Cheia de 2007

Pág. 40 - Pé de Juá no porto

Pág. 41 - Porto Feliz (foto de Jussara)

Pág. 42- Cascalho na cheia de 2007

- Pág. 43 - Pescadores no porto
- Págs. 44 e 45 - Cais fotografado de dentro do rio
- Pág. 46 - Porto Feliz
- Págs. 47 e 48 - Giliard no barco de João Gabriel
- Págs. 49 e 50 - Vapor do projeto Cinema no Rio
- Pág. 51 - Rua do cais vista do rio
- Pág. 52 - Giliard remando
- Pág. 53 - Porto Feliz
- Pág. 54 - Detalhe dos barcos atracados no Porto Feliz
- Pág. 55 - Barcos Porto Feliz
- Pág. 56 - Barco de Tonho, filho de dona Paixão
- Pág. 57 - Preta pescando
- Pág. 58 - Barcos no Porto Feliz
- Págs. 59 e 60 - Caetano pescando
- Pág. 61 - Hidelvania e Caetano pescando
- Pág. 62 - Vista do rio por trás da cerca. // Vista do rio da casa de meus avós
- Págs. 63 e 64 - Vista do rio por trás da cerca na casa de minha mãe
- Pág. 65 - Rios São Francisco e Corrente correndo juntos // Barco cruzando o rio
- Pág. 66- Eclipse
- Pág. 67 - Trânsito de barcos no rio
- Pág. 68 - Rua do Cais vista do Rio em 2007

Pág. 69 - Hidelvania e Preta pescando

Pág. 70 - Borboletas pousadas na pedra de ancorar os barcos

Pág. 71 - Chuva chegando sobre o rio

Pág. 72 - Lua Cheia

Págs. 73 e 74 - Cais de Sítio do Mato

Pág. 75 - Clécio Pulando no rio, cheia de 2007

Pág. 76 - Preta pescando

Pág. 77 - Caetano e Magnólia no rio // Jonathas e Jataí na janela de casa em frente ao cais (foto Jussara)

Pág. 78 - Caetano olhando o rio da varanda

Pág. 79 - João Gabriel no cascalho (foto Jussara) // Jussara, Jonathas e Idaci na praia do Cascalho

Pág. 80 - Caetano tomando banho de rio no Porto Feliz

Pág. 81 - João Gabriel em seu barco (foto Giliard)

Pág. 82 - Pôr do Sol visto da varanda da casa dos meus avós através do pé de aroeira

Década de 1990: Este livro tem uma quantidade menor de fotografias da década de 1990 pois neste período nossa família viveu em Santo André, cidade do ABC paulista na qual nasci. Nesse tempo, viajamos algumas vezes para Sítio do Mato, e eu lembro especialmente de ter vindo durante a Copa do Mundo de 1994, e acompanhar as pessoas comemorando no cais o tetracampeonato mundial.





## Apoio Financeiro:

FUNDAÇÃO  
CULTURAL  
ESTADO DA  
BAHIA

**fun-  
ceb**



**GOVERNO  
DO ESTADO**

SECRETARIA  
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



**PÁTRIA AMADA  
BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL